



# Vários autores dos séculos XVII e XVIII

(continuação da pág. 93).

## Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume, 1.º, 2.º, p. 105.  
— Inocencio — *Dicionário*, vol. 5.º, 8.º. Blake — *Dicionário*, vol. 5.º.  
— Orc. 192 571 Jorge Reinos 4-9-50.  
— Pedro Calmon — *Viagem da Literatura Bahiana*, p. 42.

★  
JOSE DE MIRALES

Nasceu em Xativa, Valência (Espanha) parece que no ano de 1686. Fixou-se em Portugal e dalli passou ao Brasil. Em 1724 achava-se na Bahia, servindo como tenente-coronel de um dos regimentos da cidade. Foi naquele ano um dos fundadores da Academia dos Esquecidos. Em 1759 foi um dos acadêmicos de número da Academia dos Renascidos. Dessa instituição recebeu o encargo de componer uma *História Militar do Brasil*. Em 20 de julho de 1761, escrevia ao Conde de Oeiras, pedindo-lhe que se interessasse pelo requerimento que dirigia ao rei, no qual solicitava a merecida instância do coronel honorário do Exército. Dizia então ter começado a escrever a *História Militar do Brasil*. Para que ele pudesse consultar as livrarias que lhe eram necessárias à composição da obra, o governador interino de Tomaz Ruiel concedeu-lhe uma licença especial. Em 1769, tendo de idade de 82 anos, recebeu a patente de Coronel com o exercício de Tenente-Coronel. Faleceu depois de 1777.

Escreveu:

*História Militar do Brasil*, desde o ano de 1649, em que teve princípio a fundação da cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos. Foi publicada no vol. 22 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (págs. 314).

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º, pág. 66.  
— Sacramento Blake — *Dicionário*, 2.º volume, p. 99.

## ★

## MATEUS DA ENCARNACAO PINA

Nasceu no Rio de Janeiro, a 23 de agosto de 1687, e era filho de Domingos Álvares Pina e D. Francisca Fernandes. Foi monge beneditino, abade geral do Brasil. Foi, em seu tempo, considerado grande teólogo e grande orador.

Deixou numerosas sermões e manuscritos seguintes livros:

*Defensio parvissimae et interregnae doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae* — Olisipone, 1729.

*Veridico eruditissimo — partes 1.º e 2.º* — Lisboa, 1736, 1735, 1747, 3.º volume.

*Teologia dogmática e escolástica*. Foco inédito.

Fontes:

- Antônio Bezerra — *A Filosofia na fase colonial*.  
— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º vol.

- S. Blake — *Dicionário*, 6.º volume.

— Inocencio — *Dicionário*, t. II.

## ★

## VALENTIM MENDES

Nasceu na cidade de Cachoeira, Bahia, a 10 de abril de 1689, e era filho do sargento-mor Antônio Mendes Falcão e de Antônia da Silva. Foi juiz da Lapa, teólogo, filósofo e outras honrarias. Nasceu na Bahia em 1700, faleceu em 1722. Foi leitor de teologia no convento da Bahia; diretor de estudos no mesmo convento; quatiificador do Santo Ofício. Ficou no capítulo geral de sua ordem celebrando em Ferrara em 1720. Foi presidente do capítulo do Ordem Carmelitana e seu cronista mor.

Escreveu:

*Sermão Panegírico da Invenção da Santa Cruz*, pregado na Bahia, em 1738. Lisboa, 1740.

*Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro*, da congregação dos Cátaros da Bahia. Lisboa, 1740-1741.

*Sermão penitencial da solenidade da canonização de S. João Francisco de Assis*. Lisboa, 1741.

*Sermão moral, histórico e panegírico no dia em que o bispo D. José Botelho de Matos recebeu a investidura do palio arquiepiscopal*. Lisboa, 1743.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º, pág. 129.

- Sacramento Blake — *Dicionário*, 6.º volume.

- Inocencio — *Dicionário*, t. II.

## ★

## JOSE DE OLIVEIRA SERPA

Nasceu na Bahia, em 13 de janeiro de 1696, e era filho de Francisco Álvares Carneiro e D. Arcanjo Guedes de Brito.

Estudou no Colégio dos Jesuítas, recebendo o grau de mestre em artes. Depois tornou a roupa e, se tornou famoso como orador, e também como poeta. Pertenceu à academia dos Esquecidos.

Faleceu depois do mês de julho de 1718.

Escreveu:

*Sermão da Soledade da Santíssima Virgem*, pregado na matriz de São Pedro da Bahia, em 27-3-1732 — Lisboa — 1746, in. 4.º.

*Sermão de N. S. do Porto do Céu e todo o bem*, pregado na igreja de S. Pedro dos Clérigos da Bahia, em 1743 — Lisboa, 1744, in. 4.º.

*Sermão de Conceição da Virgem*, Maria pregado na igreja da Lapa, quando em seu convento entravam as novas religiosas da Conceição em 1744 — Lisboa — in. 4.º.

*Poesias à morte de D. João V — Na Relígio panegírica das horas fúnebres que consagravam a cidade da Bahia, corte da América Portuguesa*.

a memória do rei D. João V, pelo

## Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.  
— Sacramento Blake — *Dicionário*, volume sétimo.

## ★

## JOSE DOS SANTOS COSME E DAMIAO

Nasceu na Bahia em 1684 e profissional na Ordem Seráfica de S. Francisco, no Convento de Iguaçu, Pernambuco, a 8 de setembro de 1710. Foi na Bahia, leitor de Retórica e de teologia e vespereira. No convento de Olinda, foi leitor de artes e de teologia da prima, guardião, defensor da Ordem. Foi ainda examinador do Bispo de Pernambuco e de Arcebispo da Bahia, examinador das ordens militares pelo Supremo Tribunal de Mesa de Consciência e Ordens, qualificador do Santo Ofício. Pertenceu à Academia dos Renascidos.

Escreveu:

*Sermão conciliatório*: Três sermões pregados em três sucessivos no convento da Bahia — Lisboa, 1746, in. 4.º.

*Sermão de B. Gancalo Garcia*, pregado no terceiro dia do triduo que celebravam os homens pardos da Bahia, na catedral de mesmo nome — Lisboa, 1747, in. 4.º.

*Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro*, do congresso dos clérigos da Bahia. Sobre o mesmo tema pregou os três anos consecutivos. Foram publicados em folhetos distintos. Lisboa, 1740, 1741, 1742.

*Sermão pentecostal na solenidade da canonização de S. Francisco de Regis*. — Lisboa, 1741.

*Sermão moral histórico e panegírico* no dia em que o bispo D. José Botelho de Matos recebeu a investidura do palio arquiepiscopal. — Lisboa, 1743.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*.  
— Inocencio — *Dicionário*, t. 5.º.

## ★

## LUIS BOTELHO DO ROSARIO

Nasceu no Recife a 21 de agosto de 1695, e era filho de João Botelho e D. Bristes Bandeira de Melo. Professor no convento de Olinda, em 1714. Em 1722 entrou em Colônia seu curso de teólogo. Foi leitor de teologia no convento da Bahia; director de estudos no mesmo convento; quatiificador do Santo Ofício. Ficou no capítulo geral de sua ordem celebrando em Ferrara em 1720. Foi presidente do capítulo do Ordem Carmelitana e seu cronista mor.

Escreveu:

*Sermão Panegírico da Invenção da Santa Cruz*, pregado na Bahia, em 1738. Lisboa, 1740.

*Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro*, da congregação dos Cátaros da Bahia. Lisboa, 1740-1741.

*Sermão penitencial da solenidade da canonização de S. João Francisco de Assis*. Lisboa, 1741.

Escreveu:

*Sermão Panegírico da Invenção da Santa Cruz*, pregado na Bahia, em 1738. Lisboa, 1740.

*Sermão moral, histórico e panegírico no dia em que o bispo D. José Botelho de Matos recebeu a investidura do palio arquiepiscopal*. Lisboa, 1743.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º, pág. 129.

- S. Blake — *Dicionário*, 6.º volume.

Escreveu:

*Sermão da Soledade da Santíssima Virgem*, pregado na matriz de São Pedro da Bahia, em 27-3-1732 — Lisboa — 1746, in. 4.º.

*Sermão de N. S. do Porto do Céu e todo o bem*, pregado na igreja de S. Pedro dos Clérigos da Bahia, em 1743 — Lisboa, 1744, in. 4.º.

*Sermão de Conceição da Virgem*, Maria pregado na igreja da Lapa, quando em seu convento entravam as novas religiosas da Conceição em 1744 — Lisboa — in. 4.º.

*Poesias à morte de D. João V — Na Relígio panegírica das horas fúnebres que consagravam a cidade da Bahia, corte da América Portuguesa*.

a memória do rei D. João V, pelo

Dr. João Borges de Barros\*, Lisboa, 1783. Reproduzida no *Florilegio de poesias brasileira*, tomo 3.º, apêndice.

— *Noro obsequio ao grande patriarca S. José*. Compreende de novenas e várias poesias. Parece que não foi publicado.

*Tríndade de terra exaltada e efetivo do temor de Deus*, por causa de uma horrível trovada, sucedida em a noite do dia de S. José de anno de 1721. Foi mencionado por Barbosa Machado.

*Seruço ao Cel. Belisário da Régia Pita*. Publicado na revista literária *A Renascença* Bahia, anno 1º, n.º 18, de 23-1-1805; reproduzido no *Parnaso Brasileiro* de Melo Morais.

*Romance folioso* em louvores da Academia dos Esquecidos. Na mesma revista e no *Parnaso Brasileiro* de Melo Morais, vol. 1, pág. 98.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.

- Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 5.º.

S. Ana, segundo afirma Barbosa Machado.

*Norrenario Sacro* de especialíssimo louvor para se recitarem novenas dia antecedentes à festa da comemoração solene da Maria Santíssima, Mãe de Deus e Senhora do Monte do Carmo — Lisboa, 1761, 96 páginas — in. 8º.

*Excellencias do glorioso S. João Nepomuceno* primeiro mártir de Cristo, pela observância do sinal sacramental. Etc. Lisboa, 1761 — in. 8º.

*Pontes*:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.

- Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 5.º.

★  
SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

Nasceu na Bahia, entre os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII, e era filho de Francisco Alvarés Carneiro e D. Arcanjo Guedes de Brito. Era Irmão de José Oliveira Serpa. Foi acadêmico de número da Academia Brasileira dos Esquecidos. Ficou no *Florilegio de Varnhagen*, v. 2.º.

Escreveu:

*Cancão à morte de Dr. João V, Na Relação Panegírica das horas que consagravam a cidade da Bahia, etc. a D. João V — Lisboa, 1753.*

*Decíduo glossando duas quadras*

— *Florilegio de Varnhagen*.

*Sílva metrificada* na Academia Brasileira dos Renascidos de Alberto Lamego.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.

- Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 5.º.

★  
JOSE PIRES DE CARVALHO ALBUQUERQUE

Nasceu na Bahia em 1701, e era filho do capitão José Pires de Carvalho e D. Tereza Cavalcanti de Albuquerque. Casou-se com D. Brites da Rocha Pita, neta do historiador Bartolomeu de Faria Pita. Dotou-se com canônico pela Universidade de Coimbra, e fez o seu Portugal ouvidor da comarca de Alegre. Regressando ao Brasil, foi alcaide-mor da vila de Maragogipe. Foi sócio e censor da Academia Brasileira dos Esquecidos. Era fidalgio da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

*Catto metrôn* — tributo obsequioso que as arcas da Sacratissima Purificação de Maria e das Sagradas chaves e Mão de Deus, d'Arcádia, oferece e consagra pelas sagradas mãos do Excentelismo e Regino. 81.º D. José Botelho de Melo, arcebispo da Bahia, primaz dos estados do Brasil, do conselho de Sua Majestade Fidelíssima e presidente do Supremo Tribunal da Mesa de Consciência e ordens, etc. Lisboa, 1731, 54 páginas, in-4.º. *"Notícias de Blaize"*. É um poema de 81 estrofes rimadas, parecendo-me que ha enganho no dato da publicação, que deve ser 1739, visto como esse poema foi apresentado à Academia Brasileira dos renascidos que foi inaugurada 6 de junho desse anno, "e de necessidade de erigir um padrao de algarismos que sentiam nas habitações da Bahia com a noticia do perfeito restablimento do S. M. Fidelíssimo deus da perfeita esmáfia, e de seu afeto a sua real pessoa" e sua ultima sessão teve lugar a 28 de abril de 1760. Houve segunda edição em Lisboa, 1760, 124 páginas, competendo mais um conto com 119 estrofes.

*No Jardim de Sua Majestade Puríssima, etc.* — 81.º Dr. José V. — 1739. *"Relação das horas fúnebres que consagravam a cidade da Bahia, corte da América Portuguesa"*.

*Notícias cronológicas do Brasil e Rio de Janeiro, fundado por S. S. P. Inocencio XI, de 11 de outubro de 1678*. Inédita.

*Romanzo a Gomes Freire de Lacerda, apresentado a Academia dos Selos a 30 de junho de 1752. Acabado nos Júbilos da América — Lisboa, 1752.*

Fontes:

- Sacramento Blake — *Dicionário*, 5.º vol. pág. 139.

- Inocencio — *Dicionário*, volume 5.º e 13.

★  
FRANCISCO CALMON

Nasceu na Bahia, a 18 de setembro de 1753, e era filho de Francisco Calmon e D. Inácia de Almeida Pereira. Foi Edilício da casa real e pertenceu à Academia Brasileira dos Renascidos.

Escreveu:

*Relação das festejissimas festas que celebra a corte da Vila de N. S. da Purificação e São Amaro, da corte da Bahia, pelos augustíssimos desposados da sereníssima Senhora D. Maria, princesa do Brasil, com o sereníssimo Senhor D. Pedro, infante de Portugal*. Lisboa, 1763, 16 páginas, in. 4.º.

*Meditações da Vida eterna*, Maria Santíssima, Mãe de Deus — parte 2.º — Lisboa, 1747, in. 8º. Estas duas obras se publicaram com assinatura fictícia do padre José Anacletus Marcelli; mas são do frei José Pereira de Sa.

Fontes:

- Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume, página 62.

- Inocencio — *Dicionário*, vol. 12, pág. 333.

— Sacramento Blake — *Dicionário*, 2.º volume.

— Sacramento Blake — *Dicionário*, 5.º vol. 7.º Varnhagen — *Florilegio*, atingindo no tomo 3.º.

# Algumas poesias de autores brasileiros da época colonial

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

Cancão

O sol nasceu das lúces proeminentes,  
que dão com seu esplendor glórias ao dia  
que dura da Estrela, em que todo o vivente  
de ofício a posar tem alegria;

O sol nasceu quando alarde

das brilhantes lúces.

Amanheceu sobre a tarde

das cinereas espumas,

que nas no mar, que as lúces lhe retrata,

distintas de cristal, urna de prata,

O sol nasceu jardim, que tão florido  
se apresenta, na manhã alegre e clara,  
nas árdeas da calma combinada,  
marcha de tarde a pompa, que o exaltaria:  
brilho do Sol, violento

que solnas desbarata,

que a força do vento

que a noite arrasta,

que em cícladas que tanta bizarria

traz a duração mence de um dia!

O sol nasceu animado a passarinho,  
que as lúces desafia e galante,  
brincando alegra em um, e outro ramo,  
que quebro natural sofás porões,  
que mais descedido

que a gosa o indústria,

que cama preo e atado

que aço o soluto,

que ovelha infeliz que com engano

que flores tiveste o maior dano!

O sol nasceu enigmata, a turra erguida,  
que a noite, escândalo do vento,  
que vindo das nuvens competida,  
tendo a prima ao alto firmamento.

O sol nasceu assalada

que turrao tremente.

A prima enigmata

que turrao amoco sente,

que turrao amoco sente,

que a tem em tanta altura

que oceano esteja a uma desventura!

Salve o Fidelíssimo Monarca,  
do Brasil Sol resplandente,  
do dia golpe de traidora Parca,  
a pesar nusso vê-se no Ocidente,  
que jardim seu flor,  
que ave em prisão dura,

que tudo nos horrores

em estância escura;

que lhe valeu ser torre perigosa,

para escapar à ultima ruina.

Que anos resistiu ao fero assalto  
Da daenga várias véses repetido,  
do seu próprio esforço nunca faltou,  
de auxílio superior sempre assistido.  
Nessas adversidades

Tinha a sacra Aurora

que das Necessidades

e divina Sétora,

do mal contra a fúria repentina

do escudado mal foi Torre guarnecida,

que forças o braço, que é o direito:  
Empenhou a favor da Igreja Santa;  
o mal por lise tundo-lhe respeito  
sómente o braço esquerdo lhe quebraria,  
que alta providência

do Senhor soberano,

se outra vez à pendência

Tornasse o Otomano,

que no escudo real das sacras Quinas

Tinha o Turco infeliz mortisca ruínas.

que mesmo feia e régio braço,

que com mão liberal, que com grandeza

Pará o culto de Deus não foi escasso.

Nem avareza foi para a pobreza;

sempre incorrupta e forte,

nos séculos futuros

Gosará contra a morte

Privilégios seguros;

Será de Portugal eterno gão

A mão provida, o braço oficioso.

Também livre de tanta violência

Viu-se a cabeça por meros divinos,  
que da sabedoria e da prudência  
com grande admiração era ofícima.  
Jaz agora escondida  
Em silêncio profundo:  
Mas ainda temida  
Dos Príncipes do Mundo:  
que as suas normas no geral conceito  
Vivas ainda estão para o respeito.

Um Rei tão sábio, um Rei tão poderoso,  
que dos Vassalos seus por maior glória  
Mostrando-se na Europa generoso  
Com a paz soube conseguir vitória,  
Levantando ao Mundo absurdo  
Na morte insensípita  
E' preciso que viva;  
E em sinal de vitória preeminenta  
O túmulo escondeu em São Vicente.

Mis, ah! Mis, suspende o entusiasmo,  
que deseja Rei o trânsito penoso  
Sendo para o Universo asombroso e pauroso,  
Há de ser para a História assumto honroso;  
E no discurso a razão discreta aponha,  
que a forma o tem tomado à sua conta.

Ja é, Senhora, Jorjosa  
Que deitais pesar justo;  
Vivo em vosso Filho Augusto  
Tendes o defunto Esposo.

Sá que vos deixou com vida,  
Senhora, a parca cruel.  
Quando roubei de um docel  
A vossa Prinda querida:  
Como Rainha entendida  
Suspensei o mal penoso:  
Credes que em eterno gão  
Está vosso Esposo viva,  
Vede que este lenitivo  
Ja é, Senhora, Jorjosa.

Dem sei que é justo o pesar  
De vos veras dividida  
De um corpo, em que tinheis vida  
Com unido singular:  
Mas se Ali chega a gozar  
Vida da morte sem susto:  
Percidas de tanto custo  
Reprimi no coração,  
Que em tanta glória é razão,  
Que delizias pesar tão justo.

Sei que aquela Magestade,  
Sei que aquela gentileza,  
Vos há de causar tristeza,  
Vos há de fazer saudade.  
E aqui também com verdade  
Achais um alívio justo,  
Que da verdade sem custo  
Dita o amor e a razão,  
Que tendes ao Rei Don João  
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memória aplaui  
(Quando eu só me maravilho)  
Que do Pai a este Filho  
Nenhuma distância val.  
Vivo o Filho, e vivo o Pai  
Venera o Reino amoso:  
Trocni pois a pena em gão,  
Que a impulsão de amor activo  
Em nossos corações vivo  
Tendes o de/unto Esposo.

★  
Para o Brasil mostras dar  
Da entendo do seu tormento.  
Pede suspiros ao vento  
Suplica prantos ao mar.

O Monarca Lusitano  
João a Quinto, sem segundo,  
Palceceu, pesar profundo  
Sente o Orbe Americano.  
Da Parca o golpe tirano  
Vém-se os broncos lamenta,  
Turbou-se a terra e o mar,  
E acalmou em fim o vento,  
India é pouco sentimento  
Perg o Brasil mostras dar.

Neste pesar verdadeiro

Quando o Brasil mais se inflama,  
Pedo logo à veloz Parma,  
Que dê pará o Mundo inteiro.  
E bem que não é primeiro  
E tão justo sentimento:  
Com clamores cento a cento  
Quer por idéia entendida,  
Que o Mundo seja a medida  
Da entendo da seu tormento.

Quando se mistra a aflição  
Em seus pentes crescida.  
Causa sincopas à vida,  
Desmaios ao coração.  
Neste mal, nesta paixão  
Tem o Brasil seu tormento:  
Por que faltando-lhe o alento,  
Muda a voz, o peito ronco,  
Para respirar um pouco  
Pede suspiros ao vento.

De pena e amor na frágua  
Com lágrimas mil a mil  
Regeia triata o Brasil,  
Libre fulta nos olhos água:  
E por aumentar a mágoa  
Sem dia alívio a pesar,  
Para um perpétuo chorar  
Da saudade sem desvelo,  
Pede lágrimas aos rios,  
Suplica prantos ao mar.

PADRE JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

★

Do seu Rei, e seu Senhor  
Sinto o Brasil tanto a morte  
Que intenta de alguma sorte  
Dar mostras da sua dor.  
Deste domine o cruel rugor  
Não tem com que comparar.  
Toda a terra e todo o mar  
Na sua extensão contém.  
Nem pode haver outro exemplo  
Pois o Brasil mostras dar.

Tão extensa é sua dor,  
Como sua causa intensa,  
E assim lhe a mágoa intensa,  
Porque seu limoso o amor.  
De tantas penas e horrores  
Mal cabe no pensamento;  
E por mostrar seu intento  
Medir a esfera de sua  
Da extensa do seu tormento,

Em suspiros se desata  
Da sua saudade efuso,  
Mas não desafoga o peito,  
Nem pelo alívio se mata.  
Do ar nos páramos retrata  
O excesso de seu tormento;  
E se franques o alento  
Do peito na ardente frágua,  
Para esforçar sua mágoa  
Pede suspiros ao vento.

Correm lágrimas a fio,  
Não cessa o contínuo pranto,  
E com ser chorado tanto,  
A mágoa não tem desvelo.  
O seu dos maiores Rios  
Neste pranto há de cogitar;  
E quando em fim quer chorar  
A morte de seu Senhor,  
Por crédito da sua dor  
Suplica prantos ao mar.

P. JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

★

DECIMA

Chorava Europa em Lisboa,  
A América na Bahia,  
África em Louanda sentia,  
Asia lamentava em Goa.  
Por todo Orbe a Fama entoas

Com sentimento profundo,  
Que este rei sábio e juvendo,  
Da cruel Parca trotava.  
Se não fôra por o Céu,  
Puxara em paz todo o Mundo.

★  
SONETO

A perda, em um naufrágio, da primeira remessa  
a Lisboa do Manuscrito acerca destas Esquinas

De América à Europa transportado  
Da Bahia o pesar quando se via,  
Ao impulso fatal da morte impia  
No cristalino centro é sepultado.

Com violência das ondas azuladas  
Foi o baixel, que a História conduzia;  
Saiu; porque o sentimento da Bahia  
Era grande, era muito, era pesado.

O Bahiense amor ainda aceso  
Mostrava no papel a ardente frágua.  
Com que ama ao Rei, da Morte com  
Idepresso.

Trágico fim, mas próprio à nossa mágoa.  
Que era fraco o baixel a tanto peso,  
Se a tanto fogo o Mar era pouca água.

★

SIMAO PEREIRA DE SA (2)

Pulse o pleito o Candor movimento,  
Calíope me inspire novo alento,  
Período o firmamento e oce agudo,  
Que a Catastófia intensa fazer mudou.

E animado de forças poderoso,  
Centrará minha Misa sonorosa.  
Já levo à boca a trompa,  
E os ares tanto rompa.  
Que rouca por cantar e inaudita.  
Admirada se lhe que, ou suspenso.  
A clara Agnuspe esparsando encusas  
Levantando de cristal flamantes plumas:  
Também por primaveras  
De purpuras se vistam as esferas.  
Que o Príncipe do dia, e mais das lúces,  
Saindo dessa quarta galeria,  
Por Prete Iustus a dourada Academia,  
Estárias lhe levanta,  
Aplausos lhe decanta.

Porque fundando em Deus a mór venitura,  
Em tempos, reus agrados mais procura:  
Virtude sem segundas.  
Que só em Deus se funde,  
Confessando discreto,  
Que quem a Deus dá tudo totalmente

Loga os timbres na terra de prudente  
E lá no sacro Império pátria eterna.  
Os gostos, prémios, glória simpática,  
Em Maximas Cristãs tão singulares,  
Que rompendo asombrosas essas areias.

Um herói, um Antônio o mundo aclama,  
Por mil bocas também o Juga a Fama.  
Dessa bárbara feroz e arrogante  
Sua espada valente e militante,  
Será, com feliz sorte,  
O que desata e corta

Outro Gordio mais cego que o valente  
Macedônio cortou com mais potente.  
Agora mais que aquele soberano,  
Sendo o crédito, e ilustre Lusitano,  
Alexandre segundo,  
E vosso pés rendido todo o mundo,  
Vos clamava sem força, nem violência,  
Primeiro Luminar do Luxo Império.

Que o eterno segurais neste hemisfério.  
Se na passada idade

Vos conhecida o século dourado,  
Alma torcida de Marte celebrado,  
Como ação pública (e ainda dis pouco),  
A Marcial consonância estreando rouco.

Explendor sem segundo,  
Que coracões atraí do novo Mundo,  
Sacrifícios vos rende tão devotos,  
Que enobrecem os cultos a meus votos,  
Pois trazendo à memória,  
Dia tão fustigado em repetida glória,  
O almejo será, em belo espanto  
Vegetal volume do meu Canto.

# A popularidade de Dantas Barreto

Barbosa Lima Sobrinho

A data de 23 de março tem sido larga influência no destino dos governantes de Pernambuco. Nada menos de três governadores do Estado nascem nesse dia, dois sólos no ano de 1850 e o terceiro em 1882. Este último, aliás, foi o que primeiro chegou ao palácio do Campo das Princesas — foi o então capitão Alexandre José Barreto Lima, que assumiu a supreme direção de seu Estado natal a 2 de abril de 1892 — aos trinta anos de idade, consequentemente. Dous que nascem a 23 de março de 1850, Herculano Bandeira e Dantas Barreto, um assumiu o governo a 7 de abril de 1903, com 58 anos de idade, e Dantas Barreto, com 61, em 1911. Herculano Bandeira não chegou a concluir o seu quatriénio, que deveria terminar em 1912. Renunciou ao cargo, para que assumisse Estácio Coimbra, de quem se capravera ação energica, no enfrentar a fase das "salvações".

Dantas Barreto foi um homem de excepcional treinada. Para sua ascendente considera, mais do que tudo, a pertinacia de uma vontade orientada e firme. Das origens modestas de uma família polva de Papacaba chegou, por esforço próprio e não por proteção, ao generalato e ao Ministério da Guerra. Seus livros sobre assuntos históricos são mais interessantes do que o deixou perceber uma crítica fáctica, que só procurava achar em Dantas Barreto o político e através do escritor desejava alcançar o homem de partido, ou de governo.

Na administração de Pernambuco, deixou o general Dantas Barreto um traço notável de ação e honestidade. E ainda ganhou a fama de um governo realista. Outve-se frequentemente a opinião de que o regresso de Pernambuco se deve contar a partir do quatriénio Dantas Barreto. A análise dos fatos, e, sobretudo a leitura das mensagens de seu governo, não corroboram semelhante interpretação, embora não lhe deva ser negado o merecimento de um governo trabalhador e honesto. Não tem tanto quanto se diz, ou se alegam nos panegíricos da sua. Mas também é certo que tudo concorre para que classifique de seu período, uma impressão de entusiasmo, associada a uma fase de grandes transformações vivida no Recife.

Falou candidatos chegaram ao poder, no ambiente de popularidade exaltada que Dantas Barreto vira encontrar no Recife. A reação contra o domínio rosalista conquistou multidões bellantes, que vinham para a cama cantar seus hinos políticos, na catedral da misericórdia da "Vassourinha".

"Salvai Salrai,  
Querida Geração  
o nosso Bardo  
Das mãos do traidor".

Num julgamento desapontador, Rosa e Silva e seus amigos não mereciam esses episódios arrastadores. As campanhas políticas, entretanto, não se preocupam com a plausibilidade, que procuram a vitória por meio da violência de suas ações. De outro modo, não haveria, como classificou de traidora a uma situação, a qual deu origem dos maiores melhoramentos de Pernambuco, as obras do porto de Recife e o trabalho de saneamento executado por Sácaro no Rio.

O contrato para a construção do porto foi assinado a 4 de agosto de 1903 e incluía-se as obras respectivas a 20 de julho de 1909 e dentro do quatriénio de Afonso Peixoto. Além da construção das casas das Armações, do molhe de Olinda e de numerosas obras complementares, coube ao Governo Federal demolir o velho Recife, para abrir, com as duas avenidas Marquês de Olinda e Rio Branco, o acesso para a zona portuária. Até o esgotamento dessas avenidas, o deslizamento se fez por intermédio do Governo Federal, com os recursos da União e em consequência da constituição de 1906. A maior parte das obras portuárias, sobretudo a abertura de ruas e a construção de novas prédios, calçamentos, etc., ocorreu, entretanto, no período de Dantas Barreto, que assim apareceu, aos olhos

# PRÊMIOS ACADÉMICOS

Lemos recentemente uma entrevista concedida pelo almirante Lazarte a um jornalista parisiense, e certo trecho dessa entrevista nos deixa uma meditação que aqui comumente se coloca.

O almirante Lazarte é um homem de noventa anos de idade, veterano de várias guerras. Quando a Academia Francesa desejou prestar sua homenagem aos heróis que haviam encarado a alma da França na reação contra a Alemanha de Guillerme II, acorreu a seu lado, o almirante Lazarte e o representante da Marinha que era escolhido. A esse propósito, dizia o velho marinheiro ao jornalista que o ouvia: "Entrei para a Academia em 1926. No ano anterior havia sido escolhido para a Academia das Belas-Artes. De resto, nunca publiquei li-

tro nenhum. Meus escritos limitaram-se a algumas cartas-prefácios. E quanto às artes plásticas, ainda menos quanto ao seu velho, quis recompensar os estudos que fiz para a Embaixada da Vila Velha.

Embora seja uma revelação curiosa que fax e velho almirante — a de ter sido eleito para a Academia sem nenhum livro — não é isso o que aqui nos interessa, na sua entrevista. O que nos interessa nela é outra revelação que faz o venerável marinheiro: e esta se prende à crise que atravessava a Academia Francesa. Crise de mediocridade, crise de potência extrema, realmente.

E o almirante o encarregado dessa parte do patrimônio da instituição. Cabe-lhe, portanto, assimar os che-

ques dos prêmios. "Que prêmio Veronese!", exclama ele.

Com efeito, os prêmios da Academia Francesa hoje são ainda os mesmos que se acham fixados antes da guerra de 1914. Calcula-se, por ali, a insignificância que representam. O que manda conta é que, recentemente, atingiu um extremo veranho, ao ter de assinar um cheque de um cheque de 100 francos para um dos presidente. Tal é o constrangimento que lhe produz esse estado de coisas, que é de velha, ver a auspicio dos países em dinheiros, superando que fossem substituídos por medalhas, por qualquer outros símbolos. Contudo que se tivesse aquela impressão de que as laureas concedidas pela Academia representam mesquinhos e miseráveis.

Tal é a situação na Academia Francesa.

Se na Academia Brasileira não se apresentam tão mesquinhos as laureas, é igualmente deplorável vermos o trabalho mestre e renomado como os parcos, as insignificantes somas que atualmente a Casa de Machado de Assis distribui.

Estas são, como se sabe, um prêmio anual de coroação de obra — o Prêmio Machado de Assis — no valor de dez mil cruzados; e nove prêmios de quatro mil cruzados, distribuídos pelos vários gêneros literários.

Um, nenhum desses prêmios é a aliança de uma instituição de prestígio nacional, como é a Academia Brasileira de Letras.

O Prêmio Machado de Assis é o maior dos dez, ainda assim está longe de prender as suas finalidades a resultados insignificantes, quando comparado com tantos outros já existentes no País, muitos deles da maior prestígio, particularmente, as instituições de somas duas, três e até vinte mil reais de que sejam galardoados o prêmio acadêmico. Quanto às outras laureas — o Prêmio Olavo Bilac (para poesia), o Prêmio Antônio Araripe (para Crônica), o Prêmio São Roque (para Crítica), etc., chegam a ser ridículos, pois é de dizer que, com os quatro mil cruzados que cada uma deles representa, o autor laureado não tem sequer a edição da sua obra garantida.

Considerando tudo isso, na opinião de seu voto, que devem ser criadas as imperfeições da actual situação.

A nossa ver, haveria uma forma excelente de concretar essa ordem criada de coisas. Uma vez que as laureas da Academia não conseguem a fácil maiorização das virtudes distinguidas dos prêmios, então que se supõe (conclui na página 102)

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

### ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 45,00

### FASCÍCULOS AVULSOS:

Dois Volumes da 1ª fase (I a VIII) ..... Cr\$ 80,00  
Dois volumes IX e X ..... Cr\$ 5,80  
Do volume XI ..... Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X ..... Cr\$ 10,00

### NÚMEROS ATRASADOS:

Avenida Almirante Barreto nº 72, 13º andar Telefone 22-9981  
ramal 6. Tratar com Sérgio Pinheiro.

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

**"SÃO PAULO"**

COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10º

### DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker  
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção  
Dr. J. C. de Macedo Soares

## AÇÚCAR DIAMANTE

**O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO**

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

**Companhia Geral de  
Melhoramentos  
em Pernambuco**

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

**INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO  
PERNAMBUCO**

# UMA ILUSTRE FIGURA DO IMPÉRIO: O CONSELHEIRO SOARES BRANDÃO

## Notícia sobre o Conselheiro Soares Brandão

Notícia no engenho Santanna, Jaboatão (Pernambuco) a 31 de outubro de 1842, e era filo de Francisco Pedro Soares Brandão e D. Maria Biaia Góes Góes da Rocha. Formou-se em direito pela Faculdade de Recife em 1841. Foi advogado, redator de *o Progresso*, da *Recife* (1848), deputado (1856), senador do Império (1876), ministro dos Pernambucanos (1882), ministro das Relações no gabinete Lafayette (1890). Presidiu as províncias de Alagoas, Rio Grande do Sul e São Paulo. Teve o título de Conselheiro do Império, pertencente ao Instituto Histórico, foi fundador do Instituto Arqueológico de Pernambuco. Foi agraciado com o comando da Ordem de Cristo de Portugal, com o grau cruzado de Oficial (da Bélgica), com a medalla do Libertador (da Bolívia). Foi redator da *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano* (1865 a 1872) presidente desse instituto.

Foi casado com D. Maria Ana Paes Barreto, senhora de aprimorada doce, morna e espiritualista, sobre a qual Oliveira Lima escreveu um expressivo e conmovedor artigo.

Deixou no Rio de Janeiro a 1 de setembro de 1889.

Os trabalhos que escreveu ou publicou — discursos, relatórios, etc. — en-

contram-se, em parte, nos Anais do Parlamento do Império.

Em 20 de outubro de 1940 realizou o Instituto Histórico uma sessão para celebrar o centenário do Conselheiro Soares Brandão. Fiz então uma conferência acerca do ilustre brasileiro o rosto do Instituto Histórico Carnelval Leão Teixeira Filho. Foi depois editado o volume:

*Centenário natalício do Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Separado do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano, Imprensa Nacional, Rio, 1941. 82 págs.*

Contém, além da conferência de Henrique Carnelval Leão Teixeira, vários anexos, como um artigo de Joaquim Nabuco, dos artigos de Oliveira Lima, um artigo de Ulisses Brandão, um discurso de Herculano Pinto e outros de Augusto Pinto Lima (todos referentes a Soares Brandão ou a Dona Maria Ana) e o retrato do estadista pernambucano e sua esposa.

Escreveu:

*Discurso proferido na sessão magna do 14º aniversário do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, e mandado publicar por seus amigos, Recife, 1877. 28 págs.*

Ha de sua autoria outros trabalhos — discursos, relatórios, etc.

## Soares Brandão na evocação de Joaquim Nabuco

Uma carta de Joaquim Nabuco

Levo a amabilidade do escritor dessa serie e a do Doutor D'Neto a permissão concedida a amizade, de que aí abraço o truço do conselheiro Soares Brandão, na galeria dos ministros no estrangeiro que esta fôr sua publicação. O que ladeiro é d'água que terá o priviléio pedir igual favor em relação a Vila-Bela (Domingos de Souza Leão), de quem Soares Brandão embaraçado procedeu, como em comum a todos que ele não recebeu no Rio, e que é um amigo o fôr parlementar, e que recebeu também o maior d'água o temperamento. Sem Vila-Bela eu a certo não teria entrado para o Parlamento e não teria nascido. Política só a Monarquia. Brandão, porém, mesmo sem ele, mais cedo ou mais tarde, teria chegado à Câmara, ao Ministério, ao Senado, ao Conselho de Estado, e, comovendo um pouco a sua modestia, à presidência do Conselho, para a qual, pelo menos, Saravia, que pensava muito como o Imperador, dentro de alguns anos mais a indicaria de qualquer.

E que as qualidades que lhe valeram a confiança de Vila-Bela, lhe também conciliariam a de todos os outros

chicos como quem ele servisse, como conquistaram a do Imperador, "Senhor Soares Brandão, disse-lhe uma vez Martinho Campos, quando presidente do Conselho, não sei o que o senhor fôr no Rio Grande do Sul, que sempre que trato de nancas presidente, o Imperador lembrava-me logo 'eu fizera'. O que fizera, é muito simples dizer: fizera-me conhecer. A proximidade da Rio Grande do Sul, pela influência de Silveira Martins, a quem o ligava sua admiração pessoal e sua gratidão pernambucata de fôr. Fizera a pedra de toque do seu qualate político, das suas qualidades essenciais, como: a lealdade ao Partido, dentro, porém, da lei da equidade, da autoridade moral do munus público que exercesse; a estabilidade, indústria, condescendência, natural de homem do mundo até o limite da sua responsabilidade, da compreensão do seu mundo; a dignidade de maneiras, a cortesia que não diferenciava posições simples, igual, espontânea, em todas as circunstâncias; a reserva, o critério, o sangue frio e sentimento apurado da honra, a dedicação aos amigos, a sinceridade, na palavra e no silêncio; a prudência, o ânimo conciliador, o espírito arbitral, de juiz

que ficou sendo ainda depois de despir a toga.

Em política, entregue a si só, ele seria o tipo do homem bem equilibrado, imperial, equânime; a política, porém, não admite que ninguém conserve intacta a sua indole e natureza. O político deve ter o temperamento médio do seu Partido, e a vocação de Soares Brandão, sua marca, era política. Ainda assim, ele só fez as concessões que não podia evitar, e na atmosfera tão vicinada da luta provincial, só se afastaram dele os exaltados, para os quais passou sempre por guarda-peles suas relações de família com os Regos Barros e de amizade com os Soares Leão.

Nesse tempo, os artigos do moderado e comedido amigo de Vila-Bela, na Província mal se distinguiram da linguagem apaixonada e veemente dos outros redatores. Muito trecho seu de então o horripilante holo que ele se sente cada dia mais afeitar naqueles tempos... não tanto, tenho esperança, que se vá inclinando a esca da qual suponho ter sido eu quem descrevi o fundador, o mestre incomparável, em Gomes de Campos, barão de Campo Grande que julgava prematurosas as reformas e inovações introduzidas em nosso sistema político desde a Independência, inclusive a própria Independência... A associação forçada do Partido, a timidez natural dos provincianos diante dos homens e das colas da Corte pela venação que traziam e que só desapareceram quando por sua vez adquiriram, nosso da província, o prestígio de personagens do Império, a época agitada em que entrou para a Câmara, a dissidência inextinta dos partidos que produziram, pelo seu fracionamento em grupos pessoais, a decadência do Governo, onde no apoio da Província, o conservadorismo espalhou-se e as influências não conseguiram que ele quadesse em política todos os seus traços, alguns dos quais trouxeram peças do Partido, da época dos acontecimentos.

Por isso sua individualidade não tem tempo de afirmar-se e de ser conhecida e tal intelectual no retrato, festejado dos anos que se regularam à queda do Império que o seu estúpido, isolado do meio político, resguardou, onde seu apoio da Província, o conservadorismo espalhou-se e as influências não conseguiram que ele quadesse em política todos os seus traços, alguns dos quais trouxeram peças do Partido, da época dos acontecimentos...

Nesses anos fui eu que me mesmo vim a conhecê-lo intimamente, e posso dizer que não conheci o seu igual... Não há em suas afinidades dessas inexplicáveis incoerências que fazem com que o homem aspire, por assim dizer, ao mesmo tempo, a subir e a cair. Não se formam precipitados em sua natureza anima: toda ela, sob qualquer realce, fica transparente e cristalina. Também sua vida passou-se na torre de marim de seu primeiro e único ideal: ele colocou sua ambição de mandar em um sonho tão alto que, realizado, tol para ele o perpétuo encantamento...

Vivemos muito perío e muito juntou, estes últimos seis anos, meu querido Brandão, e o que acabo de imprimir não é um cliché instantâneo, é a placa exposta dia por dia ao mesmo objetivo e dando sempre a mesma imagem... Muita vez temos divergido, nossa atuação política não tem sido ultimamente a mesma, a sua é cada vez mais para o passado, a minha é antes para me conciliar com os novos destinos, qualquer que seja o seu, do nosso país. Na sinceridade da nossa convivência diária, essa diferença há anos se acentua em discussões sem fim... Nunquem melhor do que v. pode atestar a transformação insensível do meu espírito, que se reflete em Belmaceda, na Intendência Estrangeira, em *Um Estadista do Império*, porque a acompanhou paralelamente em nossas conversas íntimas. Para mim conto entre minhas felicidades a nossa convivência em um período em que a amizade figurava-se nos amigos, como o cumprimento do novo círculo de dever público. A sorte pelo meu lado interrompeu essa ilusão, chamou-me à atividade, à mobilização patriótica, fez um apelo ao meu tempo a minha consciência e a meu pensamento, leu-me uma página do Kritik, citou-me a máxima de Burke: "me devem, mas só voluntários" e assim durante um largo intervalo, se Deus quiser, a vida, só nos comunicaremos sempre pelo telegrafo sem fios de duas memórias amigas que se procuram nas mesmas reminiscências a se encontram na mesma saudade... Infelizmente é nas vésperas da partida que escrevo estas linhas, com este inexpressível sentimento — o inverso talvez do de Bruto no deixar Marcelo no desterro

que deixa-me a triste reputação que de si deixaram lantos fidalgos. Joaquim Nabuco, que depois da República teve tristeza de conviver muita mais e intimamente com Soares Brandão, morando na casa no lado da ruas Marques de Olinda e frequentando todas as noites a do seu antigo colega liberal, criou por ele uma verdadeira admiração, destas que vulgarmente se dizem: fanatizam, a qual transbordou num roda-pé da Notícia



D. Maria Ana Paes Barreto, depois Madame Soares Brandão. Retrato da meia-idade.

visum abit se magis in exsultum iro  
etiam illam exiret relinqu: parecendo  
me que não sou tanto eu, que par-  
tomo v. que fico, o verdadeiro ex-  
patrio? De geração em geração...  
triado. Até quando será assim? Até

O país, porém, esse não morre, e fia-  
rá ele eternamente olhando para os  
monarquistas patriotas, como o gran-  
de Rio para as estrelas meio enterra-  
das na areia do deserto?

(Escritos e discursos literários)

## Soares Brandão na evocação de Oliveira Lima

— Uma carta de Oliveira Lima —

"O risco de que ninguém é profeta na sua terra, deve ser tido como um dos maiores certos da sabedoria popular. Conheço uma infinitade de casos e um destes é o do conselheiro Soares Brandão. Ele recebeu na verdade os mais altos testemunhos da estima e consideração dos seus conciernos, mas porque no seu tempo de homem público havia partidos organizados cuja solidariedade resistia à indisciplina individual fomentei pelas ambições: chefes permanentes que subiam, avaliavam os serviços prestados e ajoelhavam-se diante de seu corregedor e presidente desta hierarquia partidária um subordino justicista magnânimo como o Dr. Leon Pedro II, exercendo suas preocupações estatais e pessoais, que eram as de si alheias. A sua testade das ambições, o pôs de Arbitro supremo, distribuindo a censura aos que a provocavam e confundindo o galardão aos que, destes, se mostravam dignos. A censura implicava a estrada, o galardão o poder naquela atmosfera de ordem em que primava a organização.

Não faltaram pois homens nem caras ao conselheiro Soares Brandão: o que lhe faltou, bem como ao conselheiro João Alfredo, é a amizade popularizada data da Abolição, a que presidiu, foi a extata apreciação pelo cumprimento da sua tarefa de superintendência da sua inteligência. Não admissava quer a um, quer a outro, dizer o valor que lhes cabia. Francisco de Carvalho Soares Brandão foi um homem de grande cultura, de ondável sagacidade política, de larga visão pública e de extrema tolerância. Esta tolerância tanto provinha dos seus princípios, como do seu coração, que resumia bondade, não havia mais perfeito cavalheiro, amigo mas leal, homem de família mais completo, carater em suma mais formoso. Seria o caso de tratar de fidalgo de raça, se não fosse a triste reputação que de si deixaram lantos fidalgos.

Joaquim Nabuco, que depois da República teve tristeza de conviver muita mais e intimamente com Soares Brandão, morando na casa no lado da ruas Marques de Olinda e frequentando todas as noites a do seu antigo colega liberal, criou por ele uma verdadeira admiração, destas que vulgarmente se dizem: fanatizam, a qual transbordou num roda-pé da Notícia

em que escreveu, entre outras coisas, que o Imperador destinava Soares Brandão a presidência do Conselho e dispensava-lhe apreço igual ao que tributava ao conselheiro Saravia. Ora, observava Joaquim Nabuco, o Imperador raramente se enganava com relação aos homens. Por outro lado ninguém ignorava a importância de que no regime parlamentar se revivesse a presidência do Conselho de Ministros e a chefia responsável do Poder Executivo.

Em Pernambuco só os amigos, e talvez nem todos, formaram conceito idêntico do seu conciernismo. Vila-Bela, o chefe liberal, compreendeu-o ou admirou-o e, talvez, o apreço que tributava ao conselheiro Saravia. Ora, observava Joaquim Nabuco, o Imperador raramente se enganava com relação aos homens. Por outro lado ninguém ignorava a importância de que no regime parlamentar se revivesse a presidência do Conselho de Ministros e a chefia responsável do Poder Executivo.

Em Pernambuco só os amigos, e talvez nem todos, formaram conceito idêntico do seu conciernismo. Vila-Bela, o chefe liberal, compreendeu-o ou admirou-o e, talvez, o apreço que tributava ao conselheiro Saravia. Ora, observava Joaquim Nabuco, o Imperador raramente se enganava com relação aos homens. Por outro lado ninguém ignorava a importância de que no regime parlamentar se revivesse a presidência do Conselho de Ministros e a chefia responsável do Poder Executivo.

Um senador vitalício passava a residir naturalmente no Rio de Janeiro, e Pernambuco foi esquecendo o filho, indistintamente por quem nunca profissionalizou o mesmo entusiasmo que dedicava a outros que o não valiam, nem nos serviços. Na alta rede política e social da Corte o prestígio do senador pernambucano foi esfriando impondo cada dia mais, não pelos artifícios do luxo e de uma urbanidade postiça que desce até à familiaridade, mas realçado pela natural distinção e viva inteligência de sua esposa.

Pela sua predileção intelectual e moral, era ela uma das "dóceas de tempos idas" de que o Brasil pode ter tido mais legítimo orgulho. A Sra.



Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Retrato da maturidade.

# UMA ILUSTRE FIGURA DO IMPÉRIO: O CONSELHEIRO SOARES BRANDÃO

D. Maria Ana Pais Barreto, neta do marquês do Recife e sobrinha do conde da Boa Vista, era uma personalidade a quem Tomás Ribeiro, em Lisboa, quando era o vate da justiça e do D. Jaime, prestou público tributo nos seus versos, elogiando-lhe o esplendor que não provinha apenas de sua formosura mas da agudeza do seu espírito. No Rio, Carvalho de Menezes (Paramirimacabá) foi até a morte um dos seus mais fervorosos admiradores.

Não penso que Soares Brandão tivesse jamais sido inimigo, não pela razão apontada pelo Marquês espanhol Narváez, de que tal nuzência se explicava pelo fato de tê-lo mandado suprimir, mas porque a sua bondade es desarmava. Tinha, sim, muitos inimigos, da felicidade do seu lar, da consideração inatacável que destruía, das paixões que facilmente conquistava, muito mais nella equidade e ponderação dos que dirigiam a Nação que não pelo fator popular que não sempre merecia. Era, era, era, o que mais admiravam os mentes, os que descreviam seu talento que nascera no campo do Direito, no da História e no da Ciência da Administração, sem desdenhar a literatura de imaginação.

Era em Queluz, que tantos admiravam, quando Brasil não tinha um cultor mais fervoroso do que Soares Brandão, e que poeta repôs de cõngras no mestre da literatura, outro tanto acentuado com A. de Siqueira e Sancha de Barros Pimentel, esse felizmente vivo, que foram vultos distintos do nosso Parlamento sob o regime imperial: Lembrô-me de que aí as versões inefelizadas, quando entraram a aparecer, prenderam sua atenção. «Ninguém gosta mais de uma moça afeitada, de um dito d'espírito. Essa moça de tanto era também de tanto».

Sete da era vacante no mesmo tempo que se expressava essa moça. A havia muito côntra, quando encantava, passando de um preto de moeche a um branco de neve, ajuinava, uma noite de maior respeito, à sua flautinha calma atenções, respirando simpatia, aí, os excessos convencionais que hoje é tão costume pôr-se no trono para tornar mais fino, e que aí nas serviam para diminuir a sua simpatia e a distinção. Nem as suas obravancinhas demudava expressas conseguiam empregar arrebatado a um rosto que, no aí, como no sorriso, projetava amizade. Pelo mundo feliçava consoladoras, a dignidade, tanto de maneiras como de pensar, que era nela um culto, não prejuízo aquela amizade, que era incomparável.

Amores natos predilectos eram, portanto, dizer inseparáveis da sua personalidade. Soares Brandão quanto a elas não variava; era sempre o mesmo em todas as ocasiões, recorrendo diariamente a pretendentes da sua gabinete de ministros, dando consultas forenses no seu escritório de advogado, discutindo na tribuna do Senado ou preediendo sua mesa hospitalaria. Porque a casa do conselheiro Soares Brandão continuou depois da República a ser o ponto de reunião social dos pernambucanos; naturalmente dos alegados ao antigo regime, ao qual era permanecida fiel sem entusiasmo, ou dos que colocam o senhor de Pernambuco entre essas questões em suas seções de formas de governo e aportes e invenções ao lado da grande vibração patriótica.

Soares Brandão, como era de tolerância em pessoa, admitia todas as opiniões e a todas respeitava, só exigindo que elas respeitassem também as dele. A morte tem ido carregando os frequentadores assíduos dasquelas tertúlias: os irmãos Barros, Cavaleiro de Lacerda, um com qual, Adolfo, foi presidente de Pernambuco; Luís Felipe de Sousa Leão, Dr. Moraes Saramento, senador Barros Barreto, Nabucos, o coronel Brito, no Rego Macêdo, vários outros.

Nunca ouvi da boca desse homem superbo pelo seu tacto, pela sua benevolência e pelo primor do seu espírito, a mais leve palavra ofensiva para o regime a que não aderira, juntava os seus erros a todos os resíduos da sua existência e da propriedade — mas não se julgava autorizado a tratá-los com as acidezes de um publicista. Na mesma censura ele punha a computaria togada de um senador romano, diqueada a quem o bárbaro gênio puxava inadvertidamente a barba.

Na intimidade, conversando e discutindo entre amigos, descolhia-se o palavrão, entre amigos, descolhia-se o palavrão, traçado já na tribuna, com a diferença que se desvia de qualquer causa, por mais que tribuna, e reservava uma delícias simplicidade, que era nela sua principal característica. Simplicidade nos modos, simplicidade nas palavras, simplicidade nas ações, porque sua alma era sem rebolhos, era a alma do varão justo por excelência, em quem se não encontrava um defeito.

Soares Brandão, depois da República, exerceu a profissão de advogado e nela lhe falavam causas. Seus filhos, caçou em São Paulo, onde tinham feita parte da curva acadêmica, com filhos do conde do Pinhal ali se radicaram como fazendeiros, mas o espírito da casa permaneceu pernambucano, numa expressão mais elevada ainda do que a comum porque despidos de preconceitos, de medildres, de agressões filadas em tais ou quais ocorrências, num compreendendo candido e equívoco do sentimento regional dentro do círculo de atração maranhense.

Paranámirim, 13 de maio de 1949. — (a) Oliveira Lima".

## Uma senhora

Pessoas há que esboçam um sorriso ao ouvir quanto ouvem falar em aristocracia no Brasil. Entretanto essa aristocracia foi um elemento social da nossa história, assim como da história da América Espanhola, pelo que a ironia é descabida. O meio era avesso, é verdade, a tendência para a democratização, aperfeiçoada que chegou a avassalar o trono. A falta de tradições próprias, porque na época colonial tais tradições eram rejeitas, e no período imperial eram convencionais e não tiveram tempo para condensar-se; a mistigungem junta à falta de preconceitos de cde determinando o nivelamento das classes; a subsistência da instituição servil dividindo a comunidade em duas grandes seções, livres e escravos, e dando a liberdade essencial for os bastantes de superioridade, até que a Abolição produzisse uma estruturação que desbafasse até as senhoras tudo concorria para hostilizar e afastar qualquer aristocracia.

Procuro todavia uma expressão para qualificar a senhora que há poucos dias faleceu no Rio de Janeiro, e não encontro senão a de grande domo. Ela que é o ouro da noite na nossa terra. Essa senhora chiamava-se D. Maria Ana Soares Brandão, era a viúva do senador do Império, Francisco de Carvalho Soares Brandão, que se regeu monárquico, anual permanecendo fiel, tem espetaculosidades nem deslumbrava, nem contrariava a sua natureza discreta e digna, foi ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente das províncias de Alagoas, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Em 8. Festejou-se casamento na ilustre família Botelho e são fazendeiros no Jauz seus dois distinços filhos.

A Sra. D. Maria Ana pertencia à família Pais Barreto: sobrinha neta do marquês do Recife, o famoso morador do Cabo que é Imperador Dom Pedro I nomeou presidente em 1824, em oposição a Manuel de Carvalho Pais de Andrade, presidente eleito, que se originou a Confederação do Equador, a sobrinha do conde da Boa Vista e grande administrador a quem Pernambuco vai dentro em poucos meses enriga uma estatua pelos inesquecíveis serviços que lhe prestou no governo.

Dotada de perfeita inteligência, era inteligente quanto formosa, e tendo recebido uma educação completa por um professor da Europa, onde logo se licenciou e obteve o título de doutor em Tómas Ribeiro, a Sra. D. Maria Ana foi uma das elegantes do Recife de 1865, um Recife em que havia elegância e vida de sociedade. Era o Recife das litografias de Schiappapi, um Recife cujo bonito teatro se servia para representações líricas e dramáticas, e não para exibições de transformistas emigradas de tatinhos de variedades, funções aquelas a que os cavaleiros iam de casaca e as damas de vestido decotado; um Recife em cujas ruas, sempre mal calçadas, ressoavam as largas cabecas, das randed lanternas de prata, forradas de seda azul e guarnidas por um bolelo agitado; um Recife onde não havia cinemas nem cafés-concertos, mas havia à noite partidas em que se jogavam o volante e a manilha, se tocava, se cantava, se dançava, e o chão era serviço em xícaras de porcelana da Índia, mesquando entre guindemas variadas dispostas sobre imensas bandejas de prata do Porto que eram preciosos doceiros para as casas, um Recife de qual era fêz saliente essa convivência que tinha um culto comum de cerimônia e de despreocupação, de familiaridade e de gravidade, característico da alta roda em toda a parte.

Uma vez casada, a Sra. D. Maria Ana passou pretestos a viver no Rio de Janeiro, onde se adaptou removendo o marido como deputado geral e depois ascendendo a escrivão da Ilha triplas em que figura de Malo e Manoel Portela. O conselheiro Soares Brandão, a quem Joaquim Nabuco prestou o prêmio mais enternecido e mais ardente do seu espírito liberal, era um homem de real



Mme. Soares Brandão, em companhia de uma sua filha

valor. A extrema urbanidade, filha de um corrupto nobilíssimo e por isso mesmo despida de qualquer afeição, deixou-se casava com uma notável figura intelectual, sempre calmo, porém reservado. Como era simples, moderado e generoso, não lhe davam no geral todo o crédito que ele merecia e alguns o classificaram entre os afeições, quando de fato, pela compreensão e pelo ilustrado, tanta parte do seu nome dirigentes.

Joaquim Nabuco escreveu que «o heraldo que passava um respeitável momento de homens, tinha Soares Brandão na mais alta cota de sua carreira, um segundo Sarcys, um que, com a mesma ponderação e o mesmo discordante, mas com muito mais amabilidade e distinção, resplandecia».

Desse matiz administrativo, tal é a filha, Maria Ana a esposa, dedicada a dedicação e a luto, ajudando na vida pública dentro de sua sede mandando e não descurando por isso a seu lar centro de carinhosa hospitalidade. Na dos traços das numerosas nobres de abinhanha era sabendo dirigir suas casas com uma atividida e uma energia que hoje antes se dispõem no terreno da trivialidade, no entanto elas não deixavam de praticar os seus deveres de sociabilidade, frequentando teatros e salões, recebendo e visitando.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da Rua da Consolação, no Centro.



# Cartas de Joaquim Nabuco ao Conselheiro Soares Brandão e a D. Maria Ana Soares Brandão

antes de todos, e as setas cumpridas e envidadas os nossos preceitos, assassinaram-nos também na grande parte que lhe toca. O elo forte e irquebrável da grande família que era o seu maior orgulho desapareceu, mas a memória dele fará durar intactos todos os propósitos do seu patriarcal. Já exprimí esses sentimentos a seus três cumpridores longe da casa paterna no momento em que eram chamados. Vocé e dona Sofia são, porém, notícias as maiores os melhores juízes da simpatia que acaba de extorcer. Fazia a extensiva ao João, a quem desejo uma tão completa felicidade como a que assimila a data de hoje.

Sei que sua pequena família está crescendo, e felicito-a por isso. Vocé e dona Sofia sabem por experiência que sorte de consolo e de felicidade os filhos são para os pais.

Criem-me sempre seu  
muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO

1. DONA MARIA ANA SOARES  
BRANDÃO

Londres, 3 de agosto, 1950.  
Minha cara dona Marocas,

Eveline escreve-me no dia 21 de julho (D) o seu pede-lhe que lhe disse que eu lhe escreveria também. Contava então poder mandar-lhe um livro meu em que vêem aquelas paixões cariocas sobre o Brandão. O livro só agora me foi entregue e dai demora da minha carta de julho. Ninguém me deu notícia de que em que dia e hora essa carta saiu, que se há dias alegros, quando me fui para a senhora não é mais aquela. Assim a vida Consolou-me, porém, pensando que na sua Deusa demandava mais felicidade do que no cumprimento dos desejos humanos e que mesmo essa sua ansiedade atua, desse seu desejo de reunir-me ao obreiro verdadeiro da sua existência, e em uma dimensão de felicidade futura.

Agora a João deve estar triste, mas não sabemos ainda quanto tempo. Ele recuperou-se de tudo que durante a sua de mim, e, como não é desse caráter, não me queixarei de que se prolongou o encarceramento.

E Maria! ainda se lembra, de novo. Meu desejo seria voltar para ali e viver de minha mãe e da minha terra, se eu estiver atravessando a pior das sortes. Isso, porém, está nas mãos de Deus. O estado de minha saúde, se eu voltasse, seria em poucas meses a que era quando eu vim, bem parecido com o que vi no nosso convento este pratal. Brandão. Uma viagem de milhares de milhas residindo em outro clima, levaria restaurado como a mim. Multas saudades de quem lheja não está ainda longe dos amigos. Verdadeiros, nem dos que se falam nem dos que ainda lhe restam, porque se faz sempre o pensamento.

Esta vida diplomática não tem para mim o mesmo sentido, nem nenhumas outras vidas que não seja a da extinção.

Que coisas rícticas me chegam aos ouvidos de toda gente, e de todo mundo! Que imensa ignorância a moça dona Ana Saúva tem! Só que é uma espécie de desonesto. E quanto como elas! Os meus amigos falam muita fala-palha, só para achar, como o pobre Antônio Carlos (2), que perdeu tudo! Entretanto, lembre-me a todos da nossa roda, a quem possa ser agraciada uma lembrança minha.

J. N.

(1) Aniversário da dona Marocas  
(2) Antônio Carlos Ferreira da Silva, amigo de Nabuco seu grande auxiliar nas eleições, e de quem escreveu em *Mistérios Formosos*: "Aquelas pessoas que conseguiram pra Vítor na lista, a maioria deles é deputado, senador, ... Antônio Ferreira da Silva entrou sempre quando lávia em uma casa do Bréu e que no entanto fêz todos os ministros eleitos abolicionistas?"

\*\*\*

Wimereux, 1 de set. 1950.  
Minha cara dona Marocas,

Desta praia, onde vivemos por causa das crianças, que bem precisam, mandando-lhe as nossas mais sentidas recordações do dia de hoje. Estamos acompanhando com o pensamento, nas suas idas e vindas da sua de Olinda a São João Batista e compreendemos que esteja bem, só para a sra. a saudar, que também sentimos sempre querer cumprir. No seu momento de vida o Brandão sempre foi de maior de idade a ideia de fazer um viagem de mudar de clima, antes que lhevar tanto indústria. O que Deus faz por mim, está bem feito. Ele cumpriu sua missão até o fim e só abençoando. Se tivesse vivido mais tempo, teria talvez tido uma sorte mais

dura, porque há doenças que tiram todo o prazer de viver muito antes de levarem a vida. "O trabalho de decomposição, dizia-me o Tainay no leito da morte, é horrível", e a pior decomposição não é a física, é a moral, a que invade com a melancolia, o tristeza, o fôlego de inquieta, e forja e mais forte e levando das humanas um coração morto para todos os atos, um espírito indiferente a tudo que não seja o leito processo da decomposição. Graças a Deus, o Brandão morreu ainda todo ele mesmo, o que fez para os que o amavam, tal qual eu o conheci. A morte sem a decomposição física, nem muito menos a moral, é um benefício de Deus. Não vale a pena, ou melhor nunca se deve disputar anos de vida com risco da doença atingir até aquilo que é o orgulho, a dignidade do homem, a sua perfeita integridade espiritual. Antes a morte do que a degradação física ou moral. Morrer sem sofrer o comédio sequer de renhuma é uma clémência da vida. Para o fim o meu Brandão parecia-me muito mudado do que eu sempre o achava, mas domingos em que lhe ia ler trechos da *Vida de meu Pai*. A elasticidade, a frescura, a jovialidade de espírito não a dogura e a alimpada do trato, o despreendimento de si, que continuavam a parecer os mesmos de sempre, estavam embotadas, ou intercepcionadas por uma certa contrariedade. Hoje esses convencimentos de que com uma pequena distração, como uma viagem, se se removesse qualquer motivo de ansiedade ou preocupação doméstica, não sei se tinha alguma, ele teria vontade a antiga alegria, alegria e vigor de expressão alegria que sempre lhe conheci quer se tratasse de amigos, quer das suas idealizações. Tinha-o como eu podia, descrever-lhe as tócas! Lembrava quando lhe disse que se fosse esbanjado hoje em dia seria carioca! Ele tinha voltado a religião, só era uma das idealizações a que me refiro, tinha feito da numerologia, das todas as monarquias, desde o Cesar até dom Carlos, outras das suas ideias prediletas, a história, pernambucana e a genealogia e os amigos! Dá-lhe não lhe sobreviveu muito um dos maiores dos que mais o amaram, não sei se é o meu, que é tanto como é Saravia, o Góspel. E assim, vivo todos! Prazer da juventude! Adoro, minha cara dona Marocas, que todos os seus preparam o oitenta e oitenta e setenta em torno de sua mesa. Saudades a elas.

Do Prº min. Amo:

JOAQUIM NABUCO

Hala, setembro, 24, 1950.  
Minha cara dona Marocas,

Deixei passar a dia de seus anos, e dia triste da sua sem lhe escrever em um nome em outubro, mas tenho tanta coisa que fazer, que tenho ainda por um nome, que todas as minhas obrigações sofreram e todas as minhas obrigações ficaram adiadas à capa de um momento imprevisível, se posso reunir as duas palavras noiturnas, em que fui imbuído no momento de meu. Hoje tem um deserto, forjado nessa cidade onde vim a passar, e aprovado para mandar-lhe muitas e infinhas lembranças. Sinto, ver que o seu estado d'âma é sempre o mesmo. Como o nosso Brandão não represaria, essa rendinha de sude que Deus lhe está proporcionando como distração da sua bondade? "São Marocas, isso é demais", diz-lhe-lá ele com aquela docile costume, como fazia sempre que a sra. exagerava o seu sacrifício por alguém ou alguma coisa. O tempo lá devia ter contrariado a sua perda, minha cara amiga, e lhe feito, se não fosse o seu prazer em reabri-la. Essa prazer é que não é direito. Na nossa idade é preciso tornar a morte dos que são caros como uma separação curta, e aproveitar o tempo para cumprir as últimas das filhas e netos, aumentando por todos os modos que pudesse a felicidade delas! Para morrer é sempre tempo, a morte vem mais cedo do que se espera, e viver por outros, e por outros, que são nossos filhos e estão mundo por nossa causa, não pode ser em caso alguma triste, arrependimento da grande paixão de nossas vidas.

Quanto eu sinto vez que a senhora não quer acelarar o seu terceiro estado com verdadeira submissão! Como solteira, a senhora foi a rainha das moças do seu tempo, grão de uma respeitável, sobre um sem número de vassavos, casada, foi a rainha de um se vassallo, mas foram também de um rei, respeito, respeito, porque se aceitava que tivesse grande riqueza, gozar da vassalagem de seus filhos e netos com o mesmo espírito de reconhecimento aos favores que a Providência continua a acumular sobre

há a senhora. A senhora procede assim se o Brandão não existisse mais, quando ele existe sempre, invisível, é certo, porque é devoção, é respeito, sempre associado à sorte, ao destino dos seus, interessado nisso.

Compreender-se muito, caro amigo, do deserto de vida, do inimigo do autor que é a vida, e terra por toda a sua família e vida por ela, resignação à separação temporária, que Deus decretou. Não sei se quem melhor pode dizer estas coisas, é o Sr. Arcebispo que lhe puder abrir perspectivas assim numerosas sobre a outra vida. Não estrague a dor que Deus lhe mandou, faça dela a sua ferramenta de cada dia para a perfeição da sua vida. Seja uma discipla de seu marido, pratique um pouco filosofia, a *separação* é de como Evelina chama. Isto não é mostrar-se uma chata, "consoladora", esquecida, portanto infeliz, a sua saudade e ao seu amor; é mostrar submissão às duas vontades de deus e a deles, em vez de se ceder ao gôzo (porque é uma satisfação íntima) de regressar à sua própria vontade, que lhe suspirasse o estado de espírito para a qual a sua alma

Como vai Maria? Do João vivemos a participação do feliz sucesso que interdeu mais um netinho. Suponho que o Francisco vai brilhante. Despe-lhe a todos a sua felicidade por amor do meu querido Brandão, sua vinharia e intimidade foi um presente de que sou muito agradecido a Deus.

Adieu, minha cara dona Marocas. Não atribuo o meu silêncio à diminuição do afeto que lhe temo, mas a excesso de trabalhos, que desde agora irão sempre em aumento até o fim da guerra, quando estou voltar de novo à vida tranquila e esquedosa da nossa terra, que me permitiu escrever a História da época de meu pai e gozar a amizade sincera e verdadeira de alguns corações leais como o do nosso Brandão.

Como de tinha mudado nos últimos meses de vida! Que tristeza se apodera de mim! Eu creio que lhe sentia muito mal e olhava para a vida e para todos os olhos de despedida para todos, em vez de se esconder a também desalinhado de quem não queria que lhe suspirasse o estado de espírito para a qual a sua alma

JOAQUIM NABUCO

Roma, maio, 23, 1950.

Minha cara dona Marocas,

Na muito que não lhe escrevo, imagine que em um ano e meio apresentei ao rei d'Itália 18 grandes volumes impressos! Tive para lhe que me permitiu a minha correspondência, escusar-me exclusivamente do meu passado. Não sei como pude levar a cabo a tarefa. Estou, porém, muito melhor do que a Sra. me viu quando escrevia a *Vida de meu pai*.

O dr. Bandeira (1) esteve em casa, trouxe a filha que estava no Convento para ver as nossas crianças, é uma menina muito simpática e doce, ele é um brilhante conversador e um excelente rapaz. Muito se fala da senhora, para que viva a vida integrada a algum tempo já que está na Inglaterra.

O dr. Bandeira (1) esteve em casa, trouxe a filha que estava no Convento para ver as nossas crianças, é uma menina muito simpática e doce, ele é um brilhante conversador e um excelente rapaz. Muito se fala da senhora, para que viva a vida integrada a algum tempo já que está na Inglaterra.

1. Haimunz Bandeira, permanimamente, cancro, medico, espírito brilhante como tantos membros da família Sousa Bandeira, era irmão do escritor João de Sousa Bandeira e tio do poeta Manuel Bandeira.

## COOPERATIVA DOS USINEIROS

### DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO  
DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO  
DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZÉNS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248  
E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escrítorio no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Fábio Maranhão.





# A OBRA DE FERREIRA DE ARAUJO

SÉRGIO VELLOZO

A obra de Ferreira de Araujo divide-se em duas prefeitamente distintas: a científica e a jornalística. Expô-las-emos no seu ascendente.

Assim, o primeiro lugar à obra científica, até no ponto de vista literário, é a de menor significação. Restringe-se a dois trabalhos, que são as duas primeiras produções de Ferreira de Araujo:

— A primeira, publicada em 1867, é a sua tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Medicina. Trata de vários assuntos referentes à medicina e das febres malignas mais frequentes no Rio de Janeiro:

— A segunda é uma tradução, publicada em 1877, no livro de Luis Figueras, *Depois da Morte, ou a Vida Futura segundo a ciência*. Neste, deixa galardão ao resumo a obra científica do jovem médico.

A segunda parte de sua obra é teatral. Nesse terreno, apresenta-se também como autor e tradutor. Inicia-se logo como autor, com a comédia *O Primo Basílio*, que se relaciona com o romance de Eça. A esta seguirá, mais tarde, *Fernandes*, que já demonstra uma segurança maior na criação dramática, um "bô mais macio", de uma pecinha breteira, constituída em um ato apenas, passa para uma comédia de costumes em três atos, ampla e vigorosa.

Como tradutor, Araujo deu-las *Jornadas*, contidas em três atos, de autores sem importância: *A Filha Unica* e *Um Chapéu de Palha de Bala*, ambas de Theobaldo Cicconi; a tradução da famosa francesa de uma cena de Eugène Chavet, *O Conde que Botou na Mala*, publicada no almanaque da "Gazeta de Notícias", de Jean Assomai", de Emile Zola, e de *A Birmânia*, peça de autor desconhecido. Além disso, uma adaptação de *Os Médicos*, para o teatro português. A maioria destas peças foi levada ao palco no extinto teatro São Luís.

A parte de maior valor na obra de Ferreira de Araujo, aquela que realmente representa o seu ponto em nossa literatura, é a obra jornalística. O jornalismo, em Araujo, significa a vida, ou, uma vocação potente sobre uma orientação em sentido contrário, imposta pelas circunstâncias. Sua carreira inicial foi a Medicina. Vem, porém, desse o período universitário, a imprensa e atrair e a atraírem o jovem estudante. Isto, começa a nova inclinação a propagar. Araujo começa a colaborar em pequenos jornais, como *O Guanabá* e *O Mosquito*. Passam os anos e em 1875 desabrocha, finalmente, a verdadeira vocação. Surge a "Gazeta de Notícias".

Enquanto estudante Araujo agrupa-se a um grande grupo, misto de atores, boêmios, jornalistas e estudantes frequentadores do teatro São Luís.

É de que surgiram as suas primeiras peças e traduções.

Sessentista no ruço dos jornalistas, o português Elísio Mendes e Manuel Carneiro, este último era o proprietário de um jornalinho, *O Progresso*.

Nos dias comuns de trabalho, Carneiro contava com o auxílio de seu colega Elísio, mas quando partia o navio para a Europa o trabalho multiplicava-se assustadoramente. Ele convocava todo o pessoal do teatro São Luís. Rui Góis, entretanto, animado por um desafio concedido a Manuel Carneiro preparava com grande zelo e que constituiu o pagamento por aquele trabalho extra, o grupo entrava pela noite a discutir. No fim da alegre noiteada, estava pronto o *Mosquito*. Daquela agradável reunião faziam parte dois redatores usados, Henrique Chaves, Araújo Viscoso Coaraci e um inquieto que conhecida pelo apelido de João Velhinho.

Na seguida uma experiência interessante, que pode ser considerada como uma preparação para o jornal renovador que seria mais tarde a "Gazeta de Notícias". Essa experiência é o jornalismo chamado "Diário de Notícias".

O sistema de trabalho não era muito diferente, aquela do *Mosquito* — nem tanto, a verdade... E os redatores eram os mesmos. Mas já havia um esboço de contabilidade, pois os dois davam o luxo de possuir um servente que era, também, o caixa e o guarda-livros e que respondia pelo nome exótico de Chabaneau. Este homem não recebia ordenado, mas recebia na conta do hotel onde morava que era paga pelo proprietário do jornal: fazia reuniões panegíricas, para grande consternação do chefe no fim do mês a diária levava dos réditos.

Tudo era improvisado. O velho boêmio José Vilelmo, arvorou-se logo em economista, mantendo uma sessão de lições no povo sóbre economia política. Araujo, naquele tempo ainda estudante de Medicina fada o mesmo sobre finanças. Ele mesmo confessou mais tarde que os "traduzia quase literalmente de uns livrinhos

de Mileschotti, o que não impedia de os impingir como originais". Passou-se depois a fazer folhetins sobre uma companhia lírica.

O mais credenciado de todos era o Henrique Chaves, que já fora jornalista em Portugal. Ocupava por isso o posto de honra, que era a crítica teatral.

Mas esta aventura jornalística teve alguma importância. Isto porque já era uma experiência no sentido de que viria a ser a "Gazeta de Notícias". Sua economia resistiu a fólio era impresa numa tipografia que lhes cedera gratuitamente uma saleta, onde instalaram a redação e a baixa preço do exemplar permitiram esta coisa improvável num jornal improvisado como aquele: o jornal, em um mês, fez sucesso. Era uma antecipação da organização da "Gazeta de Notícias".

Ferreira de Araujo, no artigo em que se refere à fase do *Diário de Notícias* parece ter a intenção de ocultar o nome do proprietário. Mas depreende-se de suas palavras que não era nenhum daqueles componentes do grupo do *Mosquito*. Talvez tivesse havido algum incidente entre ele e os redatores, o que é difícil de se apurar agora. O fato é que Araujo abandonou o *Diário*, os outros também foram saíndo, e, como ele diz, no cabo de algum tempo, o *Diário* "desapareceu".

imediatamente depois fundaram eles a "Gazeta de Notícias". Conta Araujo as primeiras dificuldades para a instalação, e as lutas com um competidor que chegou a querer a comprar a casa para desalojar-las. Esse colega incômodo não seria talvez o proprietário do "Diário de Notícias", cujo nome Araujo não quis revelar ao se referir a ele riendo mais tarde.

O fato é que o tal jornalista, havia lutado em seus planos de sabotar a fundação daquele novo jornal que surgia.

No dia 2 de agosto de 1875, saiu o seu primeiro número da *Gazeta de Notícias*.

Homem de inteligência, dessa inteligência dinâmica que observa as causas de relações, percebendo imediatamente em suas qualidades os defeitos, Araujo notou o quanto afastados estavam os nossos jornais com referência a um contato mais efetivo com o povo. E sua orientação primordial ao fundar a "Gazeta de Notícias" foi no sentido de promover essa maior união entre o jornal e os seus leitores, criando, para um público cada vez mais numeroso, um verdadeiro clima de interesse na opinião. Pela primeira vez fez um jornal para o povo e não para os partidos políticos. E o jornal nascia, e avivando a opinião pública.

Como obter isso? Alargando o círculo de pessoas do jornal dentro da massa, seja "colorando" ao alcance de todos as bolsas", como disse Félix Pacheco, seja criando novas e novas formas de atrair o interesse do povo.

E nesse sentido que a ação de Ferreira de Araujo é revolucionária em nosso jornalismo. Revolucionária, diria com mais acerto, pois a "Gazeta de Notícias" foi um sangue novo, mais vivo e mais forte, que veio ressuscitar, em boa hora, o nosso jornalismo estático do século dezenove.

Veljamos agora, "in loco", a superioridade da "Gazeta de Notícias" sobre os outros jornais da sua época. Os principais, então, eram: o *Jornal do Comércio*, *A Nação*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Globo*, etc., todos semelhantes em sua orientação antiga, as páginas cheias de longos artigos e discussões a pouca atenção ao noticiário e ao comentário e outras deficiências. Examinemos, de fato, os jornais acima citados nos seis exemplares do dia 2 de agosto de 1875, data da publicação do primeiro número da "Gazeta de Notícias".

A NACAO: — Toda a primeira página ocupada por um discurso do Senador Nabuco de Araujo e por um longo artigo sobre emigração. Nas páginas interiores, outros artigos extensos sobre vários assuntos. A terceira página não ocupada por um estudo sobre lei de pagamento. Só a última página é que se encontra um escasso noticiário que é, todavia, dentro de todos os jornais, o mais iniminguível.

JORNAL DO COMÉRCIO: — A primeira página do "Jornal do Comércio" é um pouco diferente. Toda a sua extensa coluna (pôs mede quase um metro quadrado de superfície) é ocupada por um bom número de assuntos diferentes. Mas nenhum delas tem interesse imediato. São correspondências ininteressantes, composta em coluna inteira, extratulas jurídicas, artigos entaboados sobre prováveis melhoreamentos na cidade e, no rodapé imenso, um trecho de poema de Mariano da Cunha, que termina com declarações patéticas de amor turbulento: "Não vês que me despedeço o coração, desgarrado?" seguidas de belas baladas nos pés da berolina, enquanto o piano desce lentamente.

Veljamos agora o primeiro número da "Gazeta de Notícias": — nota-se, logo à primeira vista, a rigurosa informativa. Na primeira coluna, os telegramas urgentes, ressaltados em

negritas; na segunda, o movimento cambial e notícias variadas, que se espalham pelo resto da página, versando toda a espécie de assuntos: um monumento a ser erguido em Filadélfia; a criação de um banco em Nova Zelândia, a descoberta de dois novos planetas, etc., etc., enfim, coluna repleta de notícias dos quatro cantos do mundo, sobre acontecimentos, os mais variados e todos de real e vivo interesse para o leitor. A segunda página é toda reservada a informação dos acontecimentos nacionais e da cidade, sem deixar de trazer uma ou outra noticiação do exterior.

Vê-se, daí, a enorme vitalidade que o jornal possuía desde o seu primeiro número, vitalidade essa que foi aumentando gradativamente com a inserção de novas seções. Seu lamanho, mais reduzido do que os dos outros, facilitava a leitura. O rodapé da primeira página, o chamado "folhetim", apresentava artigos de autores variados. Inaugurava o jornal, o de Lulu Senior, pseudônimo de Ferreira de Araujo, em que ele declara a desnecessidade de um programa de trabalho, pois o programa de seu grupo, a menor de ser, a mocidade de cada

Lulu Senior escreveu no n.º 1 e no n.º 6 — aí duas intermediárias foram preenchidas por outros autores diferentes, nomes desconhecidos até então, todos procurando manter o valor literário da seção e, principalmente, seu nível de elevado interesse. A "Gazeta de Notícias" iniciou-se, portanto, como um jornal acessível aos talentosos e capazes.

Vimos à imagem de Ferreira de Araujo dentro do jornalismo, sua ação e sua importância como renovador e precursor. Para completar o recorso às palavras de Nilo Peçanha: "A História, vê-loá amanhã, como um fato da liberdade de consciência, a liberdade de costumes e a da casamento civil; e a pé firme, de de dentro em dedo: desde a redenção do estúdio até na clarividência da República".

Passemos agora a estudar o jornalista em seu próprio prazer e particular.

Quatro são as fases para este estudo: as duas acções que Araujo manteve na "Gazeta de Notícias": *Balas de Estalo* e *Macaquinhos no Solão*; e duas coleções de artigos seus, uma publicada na Revista Brasileira e outra no livro *Coisas Políticas*.

Além destas quatro seções principais, conseguimos relacionar as seguintes, mantidas na "Gazeta de Notícias" e em outros jornais:

"Gazeta de Notícias":

— *Folhetim*, assinado por Lulu Senior, sem periodicidade certa.

— *Apunhaldos*, que também saiam eventualmente.

— *As quinhas*, folhetins semanais, como indica o nome.

— *Jornal do Ausente*, Cartão da Europa, resumo mantido por Ferreira de Araujo durante a sua estada na França, em 1890. Os artigos levavam a assinatura de A.

— Em outros jornais:

— Duas seções: *n.º 1 Notícia*, uma diária, em que se assinava F., e uma semanal, intitulada "Aos Sebaceous".

— *Modo de Ver* — Seção no jornalzinho *O Filhote*, que não era senão uma edição variada da "Gazeta de Notícias", em 1898.

— Colaboração diária para o *Comércio do São Paulo*, enviada por telegrama.

— Colaboração semanal para o *Estado de São Paulo*.

— Seção na "Folha do Norte", de Belém, intitulada "Carta do Rio".

Veljamos agora, mais detalhadamente, as quatro seções principais a que merecerá atenção:

— **BALAS DE ESTALO** — Duas hipóteses podem ser consideradas sobre a interessante seção. Ou os seus autores, revelando-se, assimavam as crônicas com pseudônimos variados, dando assim um pseudônimo diverso, ou é enorme o número de colaboradores naquela seção. Na segunda hipótese, seria *Balas de Estalo* uma dessas seções em que escrevem todos aqueles que passavam algo interessante ou picante a comentar.

Baixei estas hipóteses no elevado número de pseudônimos, encontrando tão somente no ano de 1898: sobrenomes pela maior constância: Bob (Alves Olavo Almeida, pois é este um dos seus pseudônimos). Gil (Piqueiredo Pimentel), Zag-Zag Ly (Manuel da Rocha), Rianho (Henrique Chaves), Zélio (Machado de Assis) e Lulu Senior, que é Ferreira de Araujo.

Em comparação tão ilustra, as crônicas de Lulu Senior sobressaem entre as mais interessantes e bem escritas.

— **Macaquinhos no Solão** — Também da "Gazeta de Notícias" esta seção pertence exclusivamente a Ferreira de Araujo, que assinava José Telha. Apesar de não ser uma seção diária, como indicam as bibliografias, é impressionante por mostrar a atitude de Araujo.

Um nome que é proprietário e diretor, que se entrega ao trabalho diário e estafante de seu ofício, mantendo, ainda, com brilho incomum a representação do jornal nos círculos políticos, sociais e literários, interessando-se em chamar para junto de si os nomes de valor, criando o grupo de redatores mais ilustres que um jornal já possuía, lança quase diariamente, e em certas ocasiões diariamente, artigos. Temos que concordar com aquele que disse: "Deixa artigo de fundo com a familiaridade do burguês, de paloto branco e chinelo tapete, a descrever depois do jantar" (242, em A Semana, ..... 13-8-1885). Esta comparação, apesar de suilmente maliciosa, é contudo, feliz. O estilo de Araujo caracteriza-se pela simplicidade e desapego às imagens refinadas, literárias. E vamos encontrar essa mesma opinião em um espirito despidão de malícia, expressão de maneira mais generosa e mais amável... do seu estilo chio, pernambucano, suavemente lúdico, esmaltado de espírito em laivos criados em preciosas peças de ouro, se tornava a mais amável das qualidades humanas: a benevolência" (Rui Barbosa, em A Imprensa, 22-8-1909).

Agora, que já tivemos uma idéia do estilo de José Telha, vejamos um exemplo daquele tom jocoso e irônico que reveste os seus artigos:

"Parce que finalmente acabou em pau a questão que te dando que fazer ao Ministério de Guerra. No dia do Ano Bom, uma parte de oficiais foram de bando — o Sr. Ministro longe — cumprimentar S. Ex." e declarou-lhe que estavam muito que o digno cavalheiro tivesse boas saídas e melhores entradas. E certo que alguns oficiais descontentes faziam a necessidade de associar-se aos seus colegas e foram visitar S. Ex. no dia 21, dia que restavam, os que tinham o Sr. Alfredo Chaves positivamente atraídos na garra, esse se comprometeu em dia 3" (Macaquinhos no Solão, 1898).

Resta agora estudarmos as duas coleções de artigos políticos. Destas, temos o livro *Coisas Políticas* e a seção *A Política*, mantida na "Revista Brasileira".

Basta estabelecermos a diferença entre um jornal e uma revista relativa, como é "Revista Brasileira", para percebermos a diferença entre aquelas duas coleções de artigos. Na primeira, encontramos o verdadeiro cronista político; na segunda, Araujo revela-se, além de jornalista, um analista profundo e um escritor de mérito.

— *Coisas Políticas* é uma coleção de quarenta artigos saídos na "Gazeta de Notícias" de 18 de março a 31 de dezembro de 1893 e reunidos em um volume de 238 páginas.

Foi por tal motivo que usamos conhecimento com o estilo de Araujo como cronista político. E a grande importância das artigos está nisto: mostram o que é um verdadeiro cronista político. *Coisas Políticas* é um modelo para todo aquele que tiver inclinação para esta difícil e esplêndida função jornalística. O cronista possui, antes de tudo, aquela vivacidade impressionante a todo o que se propõe comentar ou criticar, vivacidade que se expressa por uma tenua ironia na maneira de observar os fatos. Esta ronha desleida se transforma em extraordinária energia no momento em que, abandonando o ar presentente de costume, o jornalista assume uma linguagem severa no julgamento dos atos e pessoas. Ao atacar ou criticar uma coisa que lhe pareça errada, essa energia mais se exalta e dentro de ar sério, quase solene, nota-se o brilho de um esmalçado reincidente, que o cronista não quer deixar transparecer.

Mas isto é raro, pois o tom típico é o que a predominia. A ironia exige um número menor de palavras. O entusiasmo maior derramamento. A ironia é, pelo mais frequente. Damos aqui dois rápidos exemplos: — comentando a nomeação do conde d'Eu para comandante das tropas exército no Paraguai: "O sr. conde d'Eu é marcial do exército brasileiro pelo alto de bravura que praticou quando pra Brasil".

Sobre a viagem de D. Pedro II no Rio Grande do Sul: "Os rivais políticos estão muito preocupados com a viagem do Imperador. Se ele viajar em julho, temos conservadores em maio".

— *A Política* — Ferreira de Araujo iniciou em janeiro de 1898, a sua colaboração na "Revista Brasileira". Já no número daquele mês saiu o primeiro de uma série de artigos que formaria a seção chamada *A Política*. Este primeiro trabalho trata do litígio com a Inglaterra sobre a ilha da Trindade.

(Continua na página seguinte)

## Uma carta de Paul Valéry a Jorge Duhamel

### LA JEUNE PARQUE

Sábado, 40, Rua de Villegut — Caro confrade. Agradeço-lhe ter-me mandado a sua conferéncia, que muito senti, não ter podido ouvir, quando a pronunciou no último inverno, na "Casa dos Amigos dos Livros".

Li-a com desusado interesse, pois aí alguém podia examinar esta relação, da guerra com a literatura, emitir um juízo fundado e não contaminado por restrições pessoais nem brutalmente estreito, parecia-me que deveria ser o caso confrade.

Não me enganava, e conjunto de vossas reflexões que termina por uma dúvida, conquistada sobre si mesmo pela preocupação do rigor, deixou-me a sensação para mim a mais preciosa: a da vontade de verdadeiro.

Mas entre todas as páginas a que mais cuidadosamente considerei é aquela em que acreditai reconhecer meu próprio caso. Assim, o leitor se uma obra psicológica se detém, no pavor apaixonado diante do capitólio que diz respeito.

Não sei a quem aludiste no fim da pág. 36, mas o tipo de poeta ou amador que vos escreve parou de ler quando seu olhos acaoraram de ver o que segue: "Fiquei impressionado com a caixa inatacável dos poemas, que ouvi".

Concentrando-me, perguntei a mim mesmo qualas as reflexões que eu lhe poderia ter inspirado.

Médico que sois, com tendâncias a vós, sobre todo das "almas", apresente-me um caso singular, El-o em sua simplicidade!

Entregava-me — desde 1902 — a pesquisas e problemas, cada vez mais afastados da poesia e mais próximos à literatura, prazível.

Quando vos escrevia por tal enigma, mais adiante a agravava de não voltar jamais ao exercício das letrinas. Limitava-me a anotar notas, citando mas tão diversas e tão breves de qualquer questão de uso utilitário, que o simples pensamento de as rever e de tocar das qualquer obra, me causava arrependimento. Encontrava uma satisfação quase animal no hábito de exercitar o meu espirito, mas o espirito também uma espécie de bicho que tem seu instinto — é talvez causa dessa mavergulhada lógica: fabricar, para seu uso, inédita, por báculo.

Vela a amiga. Peço muito liberdade interior! Espero parecer-me vergonhoso ou tornar-me impossível.

Encarregava-me formalmente que todas as minhas reflexões sórveis o acoramento estivessem vós no topo. A angustia, as possíveis inibições, o sentimento da impotência me devoravam semi ressalvado. Foi então que em mim nasceu a ideia de obviá-las, mas minhas horas de lazer, e uma tarefa ilimitada, sujeita a extremas exigências de forma. Impus-lhe fazer versos, desejando que não devem fugir às regras. Comeci um longo poema.

É isto onde encontro o que é a poesia?

Este poema (que se chama: *La Jeune Parque*) apresenta todas as aparições das poesias que se puderam escrutar em 1888 como em 1930 — "Tudo se passa" como a guerra de 1914-1918 não tivesse existido.

Eu, entretanto, queria o que sei que é compus "sub aula de Marte". Eu mesmo, não me explico, não posso conceber que o compus semelhante em fusões de guerra.

Escrevi-o, na anedódeia e fiquei contente com a sua acidez, por alegria que comeria, mas devem que prezava, mais stilla, a qualquer coisa que se perdesse.

Comparava-me a essa monogame do Idiota Mário, que acreditava num clímax em vista do seu clímax, que só acreditavam no fim do mundo e que, entretanto, escravam dificilmente, em exatamente duros e tenebrosos, inúmeras poesias destinadas a ninguém. Confesso que o francês se me assemblava uma luneta em ação e que eu me preparava a considerá-la *rab specie aeternitatis*.

Não havia serenidade em mim. A serenidade da obra não prova a do ser. Pode acontecer, pelo contrário, que ela seja a resultante de uma re-

## A VIDA DOS LIVROS

### LIVROS RECEBIDOS

*Cuadernos Dominicano de Cultura* — n.º 74 — outubro, 1949.  
*Cuadernos Dominicano de Cultura* — n.º 75 — novembro, 1949.  
*Cuadernos Dominicano de Cultura* — n.º 76 — dezembro, 1949.

*Revista do Clube de Aeronáutica* — outubro-dezembro de 1949 — n.º 10.

*Boletim Informativo da Embaixada dos Estados Unidos de Venezuela* — 31 de outubro — n.º 5 — 1949.

*Sul, Revista do Círculo de Arte Moderno* — n.º 11 — maio de 1950.

*Arte e Literatura* — Suplemento da "Tribuna de Petrópolis" — maio de 1950.

*Brasil Aquacareiro* — ano XVIII — vol. XXXV — abril de 1950 — número 4.

*Diário Econômico* — n.º 66 — junho de 1950 — ano VI.

*Revista da Universidade de São Paulo* — ano I — janeiro-inverno e março de 1950 — n.º 1.

*Revista Brasileira* — n.º 11 — março de 1950.

*Cadernos* — da Biblioteca da Academia Cariooca de Letras — n.º 19 — 1950.

*Revista Acadêmica* — da Faculdade de Direito do Recife — ano XVI — 1949.

*Revista da Academia Paulista de Letras* — n.º XII — 12 de dezembro de 1949 — n.º 48.

*Investigações* — Revista do Departamento de Investigações — ano II — São Paulo, abril de 1950 — n.º 16.

*Suplemento Literário de "A Manhã"* — comemorativo do centenário de Rui Barbosa.

*Brasil: Los Naciones Unidas e Los Pueblos del Mundo* — 1950.

*Boletim Informativo do Bureau de Informações Polonaises* — 22-VII — 1950.

*Editorio* — Resenha da Bibliografia Brasileira — n.º 1 — março e abril de 1950 — n.º 2.

*Indice Cultural Espanhol* — número 30 — de março de 1950.

*Indice Cultural Espanhol* — número 03 — 1 de abril de 1950.

*Indice Cultural Espanhol* — número 02 — 1 de maio de 1950.

*Ano Santo no Rio de Janeiro* — 1950.

*Publicações do Pará* — do Brasil — 1950.

*História* — Preâmbulo — Poemas primários — Ilustrações de Dario Penteado — São Paulo, 1950 — 38 páginas.

*Antônio Ferraz* — *Manuel Chaves, Tetrapédio e Pratântico* — 2.º Edição — OJ do Jornal do Brasil — Rio de Janeiro — 1950 — 250-V — páginas.

*Humanity* — Boletim de Informações para o Brasil — 8 de junho de 1950 — n.º 17.

*Atos Anuais da União — 4.º Encontro Religioso de Joaquim Nabuco* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1948 — n.º IX — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional — 1950 — 10 páginas.

*Sir Ronald Adam* — N. N. E. S. C. G. — E o Conselho Britânico — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1948 — n.º VIII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional — 1950 — 10 páginas.

*Leão Carreiro* — *Joaquim Nabuco e sua Herança, Datas Vidas Paralelas* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional — 1950 — 48 páginas.

*Escrevi*, ou anedódeia e fiquei contente com a sua acidez, por alegria que comeria, mas devem que prezava, mais stilla, a qualquer coisa que se perdesse.

Sórdia talvez, todavia, a crítica literária parece-me dever ser reformada. Tal como se pratica agora a operação de remontar das obras a seu autor, é ilusória.

Que longa carta... Só queria dizer-lhe toda a minha estima e exprimir-lhe meus agradecimentos e acabar lhe dando uma espécie de consolícial!

Fico-lhe relevante isto e culpar a si mesmo, que me jogou nessa remissão, agradecendo-lhe, agradecendo-lhe, muito cordialmente vossa — Paul Valéry.

— (Tradução de David Maguenamer Jornal do Comércio, 17 de abril de 1950).

sistência angustiada e perturbações profundas.

Sórdia talvez, todavia, a crítica literária parece-me dever ser reformada. Tal como se pratica agora a operação de remontar das obras a seu autor, é ilusória.

Que longa carta... Só queria dizer-lhe toda a minha estima e exprimir-lhe meus agradecimentos e acabar lhe dando uma espécie de consolícial!

Fico-lhe relevante isto e culpar a si mesmo, que me jogou nessa remissão, agradecendo-lhe, agradecendo-lhe, muito cordialmente vossa — Paul Valéry.

(Tradução de David Maguenamer Jornal do Comércio, 17 de abril de 1950).

*Franz Martins* — O Cruzeiro Tem Cinco Estrelas — Romance Capa de Serviço Econômico — Revista Cia. de Portaria — 1950 — 342 páginas.

*Lourival Fontes* — Homens e Mulheres — Lívria José Olímpio Editora — 1950 — 332 páginas.

*Eduardo Girão* — *As Letras das Pensamentos* — Distribuidora: Editora Civilização Brasileira, S. A. — Rio de Janeiro — 211 páginas.

*Paulo Achille* — *Silêncio do Meu Destino* — Poemas — Capa de Nostalgia — 1950 — 183 páginas.

*Herminio de Brito Coimbra* — *Introdução do Trabalho Visual de Perto sobre o Olho Normal e Patológico* — Tratado de Medicina do Trabalho — se apresentada ao 1º Congresso Americano de dezembro de 1949 — Buenos Aires — República Argentina — Rio de Janeiro — 1950.

*Carolina Nabuco* — *The Life Of Joaquim Nabuco* — Translated by Ronald Hilton, Director of Hispanic American Studies Stanford University — in collaboration with Lee B. Valentine, Frances E. Connelly e Joaquim M. Duarte Jr. — Stanford University Press — Stanford — Califórnia — 373 ps.

*Mário Gracitti* — *O Homem Pátria* — Romance — Editora Guita Limitada — 267 páginas.

*Mário Gracitti* — *Europa Tranquila* — Crônica de Viagem para Adultos e Crianças — Editora Cupido Ltda. — São Paulo — Brasil — 300 páginas.

*Austrepiado, Antônio* — *Da Academia de Letras: Almas Desprezadas* — Romance (2.ª Edição). A primeira foi publicada com o pseudônimo. Fátesa Livra. Editora Guanabara — 1943 — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro — 1950 — 169 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo I: *Discursos Parlamentares, Criminais dos Deputados, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro* — Imprensa Nacional — 1943 — 339 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo II: *Discursos Parlamentares, Criminais dos Deputados, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro* — Imprensa Nacional — 1943 — 339 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Outras Completezas de Vol. VI, 1950*. Tomo V: *Trabalhos Jurídicos* — Ministério da Educação e